

M Á R C I O H U D S O N
P E R C E P Ç Õ E S

entrelinhas

Cuiabá, 2006

© Márcio Hudson, 2006.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hudson, Márcio.
Percepções / Márcio Hudson. -- Cuiabá :
Entrelinhas, 2006.

ISBN 85-87226-38-X

1. Cor 2. Fotografia 3. Fotografia artística 4. Hudson, Márcio
5. Luz 6. Preto e branco I. Título.

06-1156

CDD-779

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografia : Hudson, Márcio : Artes 779
2. Hudson, Márcio : Fotografias: Artes 779


entrelinhas

Editora

Maria Teresa Carrión Carracedo

Projeto, design gráfico e tratamento de imagens

Helton Bastos

Digitalização de imagens

Ronaldo Guarim

Fechamento de arquivos e produção gráfica

Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Revisão Ortográfica

Domingos Vieira de Assunção

Av. Senador Metello, 3.773, Jardim Cuiabá
78.030-005 – Cuiabá-MT, Brasil
Telefax: (65) 3052 8711 / 3624 8711
www.entrelinhaseditora.com.br
e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br

Para Juliana, a minha maior motivação.

Obrigado à editora Maria Teresa Carrión Carracedo,
que vislumbrou esta obra antes de mim.
Desde 1993 fui muito incentivado pelas curadoras Ângela Magalhães e
Nádja Peregrino, às quais sou duplamente grato.
Muito obrigado ao fotógrafo e mestre Ivan Klingen,
pelos profundos mergulhos técnicos na fotografia,
em longos estudos e discussões em seu estúdio em Copacabana,
ao som de *blues* e bossa-nova.
Minha gratidão ao amigo e fotógrafo Marcus Eurício Álvaro (*in memoriam*),
que me conduziu nos primeiros passos desta grande arte.
Abriram-me, também, os horizontes os fotógrafos Evandro Teixeira, Beat
Presser, Eduardo Brandão, Cláudio Edinger (durante a minha estada em NY),
Louis Jay Suckle, John Sexton (via Internet), Márcio Riscado,
Daniel Mattar e a modelo Adriana Mattar.
Devido aos seus trabalhos inspiradores, devo pagar tributo a Ansel Adams, Irvin
Penn, Horst P. Horst,
e aos fotógrafos de cinema Sven Nykvist e Nestor Almendros.
Agradeço, ainda, ao Dr. Alfredo Arruda, meu tio,
pelo seu inestimável apoio no meu retorno a Cuiabá.

Ao meu filho Antônio, que, aos dois anos de idade, já opera uma câmara digital.

PREFÁCIO

Materialidade da luz nas fotografias de Márcio Hudson

O livro *Percepções* reúne fotografias dos últimos quinze anos do artista mato-grossense Márcio Hudson, que, desde as primeiras páginas, mostra o caráter subjetivo da sua poética autoral, onde a série de imagens dos corpos femininos tipifica, das formas mais diversas, a natureza imprecisa da linguagem fotográfica. Não é difícil identificá-la na ação do artista. Ao contrário, Hudson nos mostra que ela pode estar presente tanto nas maneiras como configura determinados corpos, quanto na sua articulação com uma realidade precária sempre próxima ao desmanche. A cor rósea, sobre o fundo escuro, presente em algumas imagens do corpo, imprime, por exemplo, uma materialidade etérea, espectral. Cortes drásticos, enquadramentos inusitados, vestígios de formas, linhas do corpo, falarão sobre o enigma da visibilidade, situando o seu trabalho na fronteira do figurativo com o abstrato.

Todas essas invenções e metáforas subvertem, através da arte, a ordem das coisas, ativando os canais de percepção, que atam, em tensão constante, aquilo que nos parece diferente. Efetivamente, tentamos buscar, nessa migração visual, ou seja, naquilo que é transposto pela câmara, um elo com um mundo conhecido, sem deixar, entretanto, de reconhecer o deslocamento visual que o trabalho provoca. É o caso das paisagens da Chapada dos Guimarães e da rodovia Transpantaneira, em que Hudson usa o filme preto e branco com filtro vermelho e, em outros casos, utiliza filtro infra-vermelho em câmara digital, para alterar, dramaticamente, as cores naturais, como forma de ultrapassar o naturalismo habitual das fotografias de paisagens.

A série de fotografias sobre cidades exige também uma análise um pouco mais detida. Como sabemos, o modo

mais tradicional de se retratar a cidade sempre foi através de suas “vistas”; dessa forma, os fotógrafos pioneiros traduziam, não só as dimensões da cidade, como também os aspectos climáticos e geográficos do terreno onde ela estava situada. Esse registro costumava ser feito à distância, captando, se possível, a cidade inteira para o espectador. Entretanto, Márcio Hudson nos revela a cidade não existente no cartão postal. A exploração de reflexos dos prédios demonstra o interesse do artista pelos fenômenos ópticos, em que as formas dos objetos é “truncada” pelo fenômeno visual. É um pouco daquilo que o revolucionário diretor de cinema Dziga Vertov, em 1923, chamava de “olho mecânico”. À maneira de Vertov, Hudson logra dinamizar as suas composições, sublinhando frações da arquitetura distorcida, invertida, apresentando a complexidade da vida urbana sem mostrar as pessoas, evidenciando

apenas a obra humana, sua metáfora. Olhar é um ato de escolha. Nesse sentido, a apreensão desse campo visual testemunha o modo como o artista vê o mundo.

Sob outra perspectiva, é patente o sentimento de amorosidade nas fotografias documentais produzidas na África, nos retratos das mulheres massais e da vida selvagem, onde a produção fotográfica do artista se embebe dos traços marcantes da herança étnica e das forças da natureza, que revelam a sua ligação com questões regional-universais tão típicas de Mato Grosso. Se, de um lado, o artista descortina exuberantes paisagens de Mato Grosso e da África oriental, por outro, não deixa de pensar a ação danosa do homem sobre o meio ambiente. Ao invés de usar apenas o gênero documental para pontuar a questão, o autor investe numa outra representação do real, por meio de

uma cuidadosa composição de crânios, insetos, madeiras e sementes, que renovam a luta pela conscientização ambiental. Dessa forma, a partir do acurado domínio técnico, Hudson materializa a luz a seu bel-prazer, sempre renovando a estética, criando novos signos para petrificar o tempo e reiterando o mistério da visibilidade.

Vemos, de fato, que, em *Percepções*, o artista envereda por um imaginário bastante sofisticado, já que caminha para uma crescente complexidade entre as questões da sintaxe fotográfica, desembocando em proposições de novas leituras de espaços, em que a expressividade da representação se integra ao espaço circundante. Não sem razão, portanto, a edição deste livro, importante para Mato Grosso, ao apontar novos olhares sobre antigas questões. Ademais, é uma semente que vai propiciar a gestação de obras futuras, que contextualizem

tanto a produção quanto os traços da linguagem autoral dos fotógrafos de Mato Grosso, disponibilizando-os para a fruição e pesquisa visual de um público em rápido crescimento. A partir daí, a narrativa se desdobra para além dos próprios limites, o que, sem dúvida, instiga todos nós.

Ângela Magalhães e
Nadja Fonseca Peregrino
CURADORAS E PESQUISADORAS ASSOCIADAS

INTRODUÇÃO

Os meus trabalhos em fotografia de publicidade são bem conhecidos, pois a própria veiculação comercial se encarrega disso; todavia os ensaios pessoais ficam em evidência somente durante o curto período de exposição e limitados aos freqüentadores de museus e galerias. Para compensar, as fotos que escolhi para este livro são as menos conhecidas: ensaios de nu artístico, paisagem urbana, paisagem natural, documental e natureza morta. Entraram, também, retratos e algumas fotos publicitárias marcadas por um estilo mais autoral. Por se tratar de uma retrospectiva, foi obedecida a ordem cronológica anual; mas, dentro de cada ano, a ordem foi estética.

É muito gratificante remexer e pesquisar as fotos mais antigas, pois elas contam a nossa história pessoal por meio de instantes congelados... *flashes* de memória.

De alguns ensaios eu já nem me recordava. Foi uma viagem ao passa-

do. Descobri que a fotografia não se refere à luz, porém ao tempo.

Percebi que o meu trabalho profissional pode ser dividido em duas fases distintas, dois ciclos de vida, refletidos na fotografia: de 1989 a 2000, que foi o período da pesquisa e da descoberta.

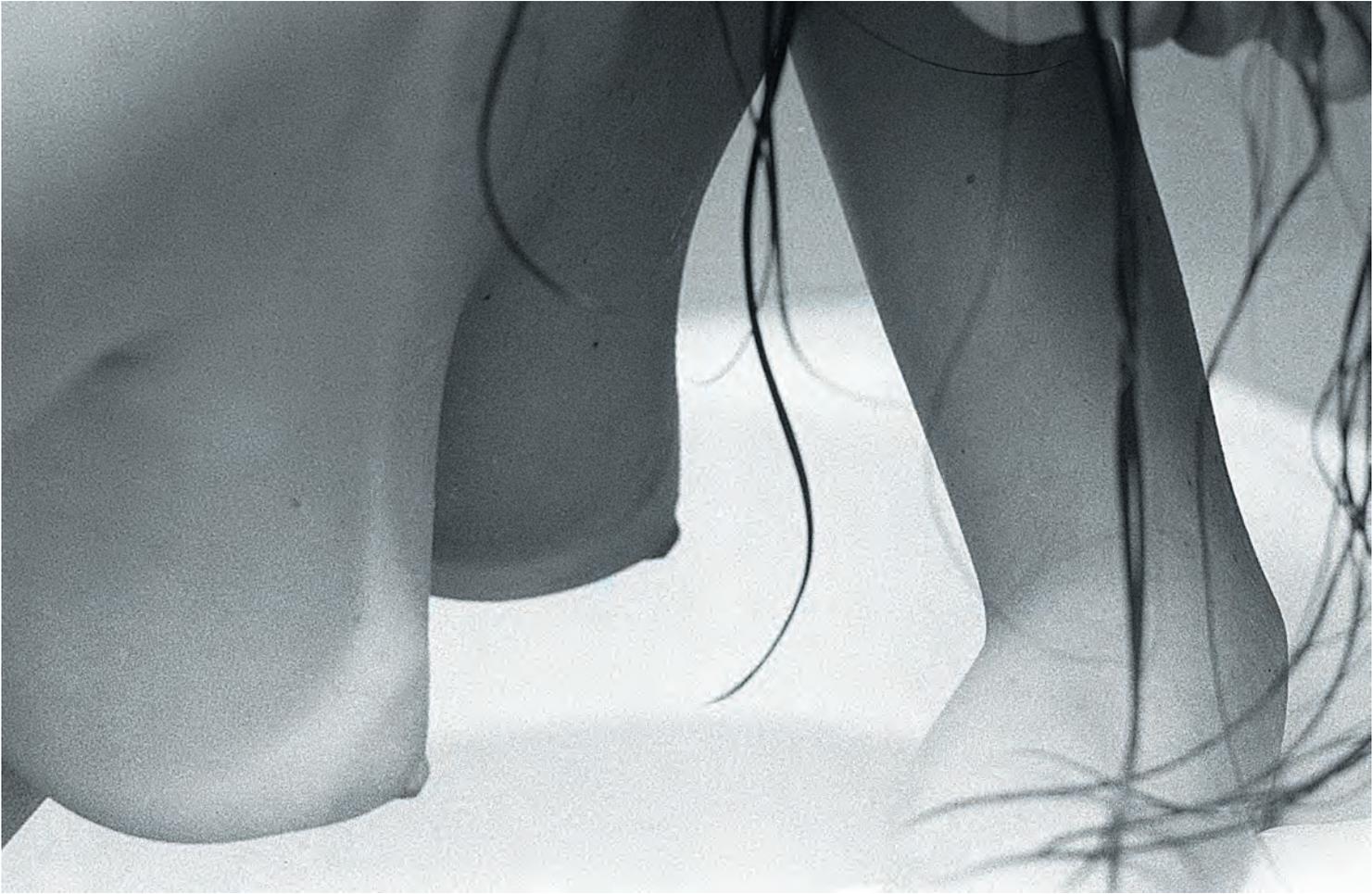
Houve um intervalo entre os idos de 1994 e 1996, três anos de trabalho intenso e criativo, mas não na fotografia. Foi quando abri restaurantes e aventurei-me na gastronomia. Parece algo distante da fotografia, mas não o é. A fotografia autoral, utilizando filme preto e branco, exige que o próprio fotógrafo faça a revelação e amplie as cópias em papel no próprio laboratório, e, para isso, é necessário o conhecimento de química. A química moderna tem sua origem na alquimia medieval, que era um processo de cozimento: uma pitada disto, uma porção daquilo, deixar em repouso, remexer, aumentar o fogo, deixar em

banho-maria... O processo de revelação da imagem latente é isso, pura feitiçaria!

Tão logo a tecnologia digital atingiu a qualidade necessária e preços acessíveis, adquiri uma câmara digital, para utilizar em todos os meus trabalhos comerciais a partir de 2000, e a atividade fotográfica perdeu o seu lado mais intuitivo. Em compensação, ganhou em agilidade e reprodutibilidade, tão necessária ao dia a dia dos trabalhos comerciais. Acredito que, do mesmo modo que a fotografia, no século XIX, libertou a pintura do naturalismo, e propiciou todas as experiências estéticas revolucionárias dos impressionistas em diante, assim também creio que a fotografia digital vai deixar para o filme a exploração de novas possibilidades na fotografia de arte.

Márcio Hudson

























1990



